

# Violência sexual é um crime!!! Pedofilia não!

Cássio Bravin Setubal<sup>1</sup>

Uma frase muito popular divulgada pelos meios de comunicação e pela população geral é: “Pedofilia é um crime”.

Por um lado, a frequência que ela aparece revela que a preocupação com a proteção de crianças e adolescentes tem ocupado bastante a mídia, a sociedade, as escolas e as famílias, o que é de extrema relevância. Mas, para se conseguir proteger efetivamente, é preciso conhecer contra o que está se defendendo.

A violência sexual pode ser entendida como qualquer envolvimento em atos sexuais de crianças e adolescentes com um(a) adulto(a) ou com pessoa em que haja uma diferença de idade, tamanho ou poder, em que a criança ou adolescente é usada para se obter gratificação sexual, excluindo atividade consensual entre colegas.<sup>2</sup>

A violência sexual, sem dúvida, é um crime e é dela que temos que proteger crianças, adolescentes, mulheres, idosas, ressaltando pessoas LGBT<sup>3</sup> e também incluindo homens adultos ou idosos. Ela ocorre em todas as classes sociais e quem comete, em grande maioria, são pessoas conhecidas, ressaltando os próprios genitores das crianças e adolescentes.<sup>4,5</sup>

Em nosso imaginário, em um primeiro momento, o maior medo do estupro é aquele que ocorre na rua por homens com feições asquerosas que causam repulsa, medo ou estranheza, como se isso comunicasse o perigo. Estatisticamente, no entanto, a maior parte dos estupros é provocado por conhecidos que parecem acima de quaisquer suspeitas, com quem a criança ou adolescente possuem relação de afeto. Ou seja, é justamente dentro de casa que mora o maior perigo<sup>2,3</sup>. E, para nos deixar com cabelo mais em pé, não existe um perfil único de quem comete a violência sexual, o que aumenta a complexidade ao se pensar na proteção.<sup>6</sup>

A pedofilia ou transtorno pedofílico, por sua vez, não se trata do estupro, nem do abuso sexual ou da violência sexual. A pedofilia não é uma ação e por isso não é um crime. Ela é um diagnóstico clínico, isto é, fruto de uma avaliação em saúde. Para tanto, busca-se verificar a existência de uma excitação sexual que envolve crianças ou pré-pubescentes, mas é preciso que dure

---

<sup>1</sup> Psicólogo do Programa de Pesquisa, Assistência e Vigilância à Violência – PAV Alecrim, que realiza atendimento a pessoas adultas que cometaram violência sexual intrafamiliar, da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal.

<sup>2</sup> Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil.

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

<sup>4</sup> MACHADO, Heloisa Beatriz; LUENEBERG, Caroline Fabre; REGIS, Enedina Izabel and NUNES, Michelli Proença Palma. Abuso sexual: diagnóstico de casos notificados no município de Itajaí/SC, no período de 1999 a 2003, como instrumento para a intervenção com famílias que vivenciam situações de violência. *Texto contexto - enferm.* [online]. 2005, vol.14, n.spe [cited 2019-05-14], pp.54-63. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072005000500007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000500007&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0104-0707. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000500007>

<sup>5</sup> PLATT, Vanessa Borges; BACK, Isabela de Carlos; HAUSCHILD, Daniela Barbieri and GUEDERT, Jucélia Maria. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2018, vol.23, n.4 [cited 2019-05-14], pp.1019-1031. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018000401019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000401019&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>.

<sup>6</sup> Penso, M. A., Conceição, M. I. G., Costa, L. F., Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., Setubal, C. B., & Wolff, L. S. (2016). Perfil de ofensor sexual intrafamiliar adulto atendido em uma instituição de saúde. In L. F. Habigzang, L. C. A Williams, & P. I. Gomide (Eds.), *A Outra Face da Violência. Agressores em Múltiplos Contextos* (67-80). Curitiba: Juruá.

um determinado tempo e que seja intensa. Envolve pensamentos, fantasias ou impulsos, podendo envolver comportamentos.<sup>7</sup>

É um diagnóstico de difícil avaliação por necessitar de informações da própria pessoa cuja revelação é somente realizada após um longo trabalho de construção de confiança entre a pessoa e o profissional que lhe atenda.

Diante destas informações, é possível que a pessoa, pense, imagine e tenha algum impulso, mas que não haja de acordo com o pensamento, a fantasia ou o seu impulso.

Muitas vezes quando estamos com raiva ou bravos com alguma coisa, nos vem a vontade de gritar, agredir ou até de matar uma pessoa. Mesmo assim, não é por ter essa vontade que seremos considerados assassinos. Uma vontade não é necessariamente uma ação.

Dessa forma, a pessoa pode ser diagnosticada com pedofilia mas que não cometa violência sexual. É preciso dizer, ainda assim, que uma parcela das pessoas diagnosticadas sim passam ao ato e cometem este tipo de crime.

Vale lembrar que um diagnóstico deve cumprir o papel de mostrar um conjunto de características da pessoa que informa a necessidade de cuidados em saúde. Ou seja, quando uma pessoa possui um Transtorno ela precisa de ajuda de profissionais de saúde.

Contudo, quando uma pessoa comete violência sexual, ela também precisa ter uma resposta de responsabilização da Segurança Pública e da Justiça. Essa resposta é como se toda a sociedade comunicasse para a pessoa que o que ela fez é errado e que traz consequências para a própria vida e da pessoa que sofreu a violência e das pessoas que as envolve.

Ao mesmo tempo, é preciso que essa responsabilização ande de mãos dadas com algum tipo de intervenção que auxilie a pessoa a, para além de saber que é errado, compreender como este ato violento cometido entra em sua história de vida, da sua família e da sociedade. Também precisa conhecer os sofrimentos que suas ações trazem para as pessoas que viveram a violência sexual, e aprender estratégias de proteção e contexto de riscos para o próprio comportamento violento.

Embora a violência sexual e a pedofilia sejam diferentes, as duas possuem algo em comum e a principal delas é que ambas precisam de cuidado. Não só o cuidado do olhar para o perigo lá de fora de longe, o estranho. Mas cuidar, amparar e proteger também do que está dentro de casa que é conhecido. Entretanto, não é porque o perigo pode estar em casa, que seja somente quem está em casa que deva proteger. Muitas vezes as pessoas de casa estão amarradas numa teia do segredo que as impede ou dificulta tomar ação.

Assim a ajuda das(os) vizinhas(os), das(os) amigas(os), da escola, dos Conselhos Tutelares, dos serviços de Saúde e da Assistência Social, da polícia, das Igrejas, dentre vários outros são de suma importância para identificar a violência sexual, bem como fazer as pessoas se sentirem apoiadas de que não está sozinhas para enfrentar as dificuldades e sofrimento que aparecem a partir disso.

---

<sup>7</sup> American Psychiatric Association. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. São Paulo: Artmed.

